



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5339

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OS ESTADOS UNIDOS E A PAZ

O governo francês, mais ou menos dirigido pelo clã capitalista da metalurgia, procura extraír do tratado de Versalhes um estado de hegemonia sobre o mercado metalúrgico mundial, do mesmo modo que a Inglaterra procura atingir idêntico estado hegemônico no ponto de vista marítimo e comercial. São estes os fulcros centrais em volta dos quais giram todos os acontecimentos e todos os actos dos políticos, e basta rememorar a confecção tão árdua deste tratado para aperceber esas verdades. Os acontecimentos sucedem-se tam graves e tam frequentes, que esta rememoração é quase impossível para muita gente. Felizmente, uns dos artífices deste tratado narrou a sua história e estabeleceu a sua defesa.

A paz, do sr. André Tardieu, para quem souber descrever os motivos e as causas, mostra claramente que o Tratado de Versalhes é obra de empregados das potências capitalistas, procurando destruir ou enfraquecer os seus concorrentes.

No ponto de vista francês a paz é sobretudo uma paz metalúrgica, e no ponto de vista inglês, é sobretudo, uma paz marítima. Os americanos foram ludibriados. O facto de ter feito uma tal pseudo-paz permanecerá incompreensível, se ela emanasse de homens de Estado, isto é de homens tendo uma ideologia a realizar que os levasse a actuar em conformidade. Mas esta paz emanada de políticos, isto é, de homens que só temem um fim: conservarem-se nas cadeiras do poder para gozar todas

as vantagens materiais, mesquinhos, estreitas e grosseiras resultantes desta situação. E os políticos franceses avaliam-se bem lendo dois livros muito recentes, *As minhas prisões*, de Joseph Caillaux e o *Meu crime* de J. Malvy. O Clemenceau de 1914-1920 é o mesmo Clemenceau da Comelina Herg-Reinach! Os capitalistas saem escolher empregados hábeis, astutos, tenazes. Bastaria pagar, o que é coisa fácil quando os pagamentos se fazem com o dinheiro dos outros.

Os americanos foram ludibriados, mas, na verdade, não se inquietaram muito, por se saberem seguros, visto que formam um grupo capitalista que é mais rico em ouro e em matérias primas que os seus concorrentes europeus. Esperam a sua hora. E esta hora chegou. Os nossos capitalistas franceses ensaiaram amansá-los, enviando-lhes um embajador extraordinário, o sr. Viviani. O portador de boas palavras foi acolhido com boas palavras. Mas tudo isto se fez com o fim de se enganarem mutuamente. A política interna e externa baseia-se na mentira perpétua, no perpétuo *bluff*. O único efeito que por vezes produz é ocultar durante um certo tempo a realidade, o que traz como consequência obscurecer a vida dos próprios dirigentes, que por esta forma são impedidos a cometerem cada vez maior número de tolices.

E prova patente foi a dada pelos dirigentes alemães, durante a guerra das nações. E, desde 1919, provas cotidianas dão-nos os dirigentes tanto britânicos como franceses. Quando compreenderão que a melhor forma de governar os homens e de administrar as causas, consiste em dizer a verdade e agir honestamente?

Enquanto esperamos que o venham a compreender, suas mentiras e o seu *bluff* não iludirão o capitalismo americano. Este não se deixá ludibriar. Procura o seu interesse e só o seu interesse. E este interesse consiste em impedir o esmagamento económico e industrial da Alemanha em proveito do capitalismo britânico pela marinha mercante, e do capitalismo francês, pela metalurgia. E para satisfaçom este interesse, o governo americano quer de novo tomar parte nos conciliabulos que decidem da política. E dão a entender nos seus jornais e por intermédio de notícias oficiais, indicando ao mesmo tempo ser necessário que as potências europeias, suas devedoras, façam com ele acordos. A ameaça subentende-se. Os dirigentes alemães compreendem bem como esta situação lhes é vantajosa. Mas a obtusidade do seu espírito, faz com que estes contrariem mais do que auxiliem a política americana.

Esperam por esta forma dominar o grupo capitalista francês. Depois se deslindarão. «Ver e esperar» é a sua eterna política, que muitas vezes tem êxito por terem a arte dos compromissos, arte que poucos entendem. As ameaças alemães, que possuem também o grupo americano, portanto no mundo — a paz real, só se pode fazer e manter realizando estes catorze pontos com todas as suas lógicas consequências. Antes de Wilson, em 1916, demonstrou-o e explicou-o nas minhas conferências da Universidade de Londres, donde formei a minha obra *As lições da guerra mundial*. A América capitalista e a massa popular quer a paz. Para isto tem necessidade do desarmamento. E o desarmamento arrasta lógicamente e necessariamente a liberdade dos mares, sem a hegemo-

nia de qualquer potência, a internacionalização dos portos e dos rios, o livre câmbio, o direito dos povos manifestado por meio de referéndum, em agrupamento segundo as suas vontades, etc. E tudo isto só se pode obter pela formação dumha Federação de Nações livres e democráticas.

O governo de Harding será, lógica e inelutavelmente impelido a realizar esta tarefa se quere governar no interesse do seu capitalismo e das massas. Mas se não puder realizá-la, será então levado não menos necessariamente à guerra com o Japão, para assegurar o livre desenvolvimento do seu capitalismo, numa paz mundial durável. Só existem estes dois meios. Qual será realizado? Isto depende do factor: a política britânica, que, por seu turno, depende, em grande parte, da política russa-asiática. Considerando devidamente os factos, da opinião pública britânica, manifestada pela carta Asquith-Clynes-Lord Robert Cecil, sonhando e querendo que a política americana pacifista triunfaria, a guerra no seu próprio país e na Europa, Harding dará realidade à ideologia de Wilson.

Maio de 1921.

Augustin Hamon,

A DESPEDIDA...

Uma visita inesperada

sr. E. Beddington Behrens, congressista da Confederação Parlamentar Internacional do Comércio diz à «Batalha» o que é a Organização International do Trabalho

O sr. E. Beddington Behrens, delegado do Bureau International do Trabalho junto da Liga das Nações, que veio a Lisboa, à Confederação Parlamentar do Comércio, visitou ontem a Batalha. Sensibilizou-nos esta visita. O sr. Behrens explica-nos esta visita.

— Pretendemos que o trabalho das crianças seja totalmente abolido. Quanto ao trabalho dos jovens de ambos os sexos, desejamos limitá-lo, de forma a permitir o seu desenvolvimento físico e a sua educação. Também o Bureau deseja conseguir que o salário seja igual para ambos os sexos, em profissões idênticas.

— Estas regras, uma vez seguidas em todos os países, devem assegurar ao trabalhador, que legalmente o habite, uma equitativa situação económica.

As conferências de Génova e Washington. — O horário de trabalho consideravelmente reduzido no Japão

O acaso que se citassem as conferências de Génova e de Washington. O sr. Behrens repetiu-nos que já é mais ou menos conhecido sobre o assunto. Que a conferência de Génova tinha por fim proteger os marítimos e defender os adolescentes que trabalham a bordo.

— A conferência de Washington disse o nosso hóspede — tratou da regulamentação do horário de trabalho. Como sabem, o dia de horas foi adoptado.

— E conseguiu-se alguma causa de prático; sobre o horário de trabalho? — perguntámos-nos, porque este assunto é actualmente de grande interesse.

— Conseguimos obter alguns resultados práticos. No Japão, por exemplo, o tempo de trabalho foi reduzido de 93 horas semanais para 60, na indústria da seda, e para 57 horas nas outras indústrias.

Contámos então ao sr. Beddington Behrens, quanto Portugal se atrazou relativamente ao Japão e as tentativas ultimamente feitas pelos industriais para nos arrancar uma regalia que conquistámos, à custa do nosso esforço, que vale bem mais que todas as conferências.

— De resto, o nosso entrevistado também concordou, como toda a gente, que as regalias só são respeitadas quando os interessados, as organizações proletárias, tem força para as manter. E fizemos sentir delicadamente ao nosso amável interlocutor que não concordávamos muito com essas conferências, exactamente por considerarmos que vale bem mais que todas as conferências.

— Examinando os trabalhos mais importantes pendentes do Parlamento, diz que as futuras câmaras serão peores do que estas e acusa de coniventes no golpe de Estado os presidentes do senado e da câmara dos deputados.

— A despedida do sr. Behrens manifestou novamente o prazer de conversar connosco. E nós, francamente, dissemos-lhe que também nos sentímos encantados por encontrar uma pessoa leal, verdadeiramente trável, embora não lute dumha forma rascagnada e no campo da ilegalidade, como nós, pelo advento dum mundo novo.

O sr. Behrens, que pertence àquele grupo *Clarke*, de que fazem parte Henrique Barbuse, António France, Rolland e outros, disse-nos ao apertar-nos definitivamente a mão:

— Lá premerei visita ao Portugal, ce qui m'a impressionné le plus c'est la généreuse hospitalité des portugais.

Realmente os portugueses são extremamente hospitalários para os estrangeiros, mas, mal eles voltam costas, a sua brutalidade reconhece.

O sr. Behrens, bem como os outros congressistas estrangeiros, devem abandonar hoje Portugal; vai cair a máscara da delicadeza; vai recomegar a barata funda política, acompanhada (quem sabe?) de intenso tiroteio.

A DISSOLUÇÃO PARLAMENTAR

Uma sessão histórica em que o parlamento se redime de todas as suas culpas

Os homens da legalidade pregam o direito à revolução

Na sala da Câmara dos Deputados, onde, por não ter recebido ordens em contrário da secretaria do Congresso, compareceram todo o funcionalismo que habitualmente faz serviço em sessões normais, refiniram ontem alguns parlamentares, a convocação de um grupo de deputados e senadores constituintes, populares e dissidentes.

Como de costume, no edifício compareceu uma guarda de honra que não teve a quem fazer a continência senão ao sr. Correia Barreto, quando este senhor entrou no edifício para presidir ao Conselho Parlamentar, que reuniu num gabinete para se pronunciar sobre a dissolução.

— A voz do sr. Orlando Marçal não poderá ser estrangulada na praça pública

O sr. Orlando Marçal fala depois, criticando os factos em debate e insinuando-se contra a dissolução que considera uma afronta. Com grande calor, diz que se a sua voz tiver de se calar no parlamento não poderá ser estrangulada na praça pública.

As conferências de Génova e Washington. — O horário de trabalho consideravelmente reduzido no Japão

O acaso que se citassem as conferências de Génova e de Washington.

O sr. Alves Monteiro, dirigindo-se aos assistentes, diz estar reunido o congresso com *quorum* suficiente e num direito legítimo, sendo aquela sessão uma sessão histórica. Dá em seguida a palavra ao primeiro signatário.

O sermão de Fr. Alvaro de Castro

O sr. Alvaro de Castro diz ter sido ele um dos que votaram a facultade da dissolução, mas não aceitará que ela seja posta como uma espada sobre o parlamento em circunstâncias ignominiosas e em face dumha ameaça. Não duvidará os parlamentares entregarem os seus mandatos nas mãos dos sr. presidentes das Câmaras, mas só depois de se reconhecer que não o fazem em virtude dumha ignomínia.

Na defesa da democracia o sr. Ladislau Batalha irá até à revolução

O sr. Ladislau Batalha diz que dará todo o seu esforço para que o regime não deixe vingar a reacção contra a democracia. Na defesa desta irá até à revolução.

Um protesto ao chefe do estado

O sr. Cunha Leal diz o que sabe

Seguidamente, o sr. Cunha Leal afirma que o dr. sr. António José de Almeida foi coagiido. Ele, orador, dirá o que sabe dessa baralha, que não chega a assumir a gravidade de desordem público; até, de vez, estavam envolvidos ministros, um dos quais não soube dissimular essa sua cumplicide. Nós que as suas forças consentiram, evitou a eclosão dumha luta armada quando elas estavam iminentes porque a isso o obrigaram alguns angustiosos receios dos chefes do Estado, numa hora em que estavam prestes a receber a visita de estrangeiros.

O sr. Cunha Leal diz que todas as conferências, exactamente por considerarmos que vale bem mais que todas as conferências.

Este, no entanto, termina — que a ditadura constitucional se responda com a ditadura do golpe de Estado.

Examinando os trabalhos mais importantes pendentes do Parlamento, diz que as futuras câmaras serão peores do que estas e acusa de coniventes no golpe de Estado os presidentes do senado e da câmara dos deputados.

— A despedida do sr. Behrens manifestou novamente o prazer de conversar connosco. E nós, francamente, dissemos-lhe que também nos sentímos encantados por encontrar uma pessoa leal, verdadeiramente trável, embora não lute dumha forma rascagnada e no campo da ilegalidade, como nós, pelo advento dum mundo novo.

O sr. Behrens, que pertence àquele grupo *Clarke*, de que fazem parte Henrique Barbuse, António France, Rolland e outros, disse-nos ao apertar-nos definitivamente a mão:

— Lá premerei visita ao Portugal, ce qui m'a impressionné le plus c'est la généreuse hospitalité des portugais.

Realmente os portugueses são extremamente hospitalários para os estrangeiros, mas, mal eles voltam costas, a sua brutalidade reconhece.

O sr. Behrens, bem como os outros congressistas estrangeiros, devem abandonar hoje Portugal; vai cair a máscara da delicadeza; vai recomegar a barata funda política, acompanhada (quem sabe?) de intenso tiroteio.

— E quanto à jornada de trabalho? — Inquirimos.

Somos pelas oito horas de trabalho diário, ou seja, quarenta e oito horas por semana. Trabalhamos por estabelecer este regime em tóda a parte. O descanso semanal, de 24 horas, pelo menos, está também no nosso programa, escolhendo-se sempre que seja possível o domingo para esse fim.

— E quanto à jornada de trabalho? — Inquirimos.

Somos pelas oito horas de trabalho diário, ou seja, quarenta e oito horas por semana. Trabalhamos por estabelecer este regime em tóda a parte. O descanso semanal, de 24 horas, pelo menos, está também no nosso programa, escolhendo-se sempre que seja possível o domingo para esse fim.

governo a pôr um veto formal às veleidades de hegemonia metalúrgica do grupo capitalista francês e, por conseguinte, a defender a Alemanha do jugo económico. O que a América julgar bom e justo nas propostas alemãs deverá ser aceite pelos dirigentes franceses, querles agrade quer não.

O tratado de Versalhes deu o que tinha a dizer. Não tendo sido reconhecido pela República Federal dos Estados Unidos, não se pode falar da sua execução, desde o momento em que esta República resolve tomar o seu lugar no conserto das potências. É a própria lógica. É inútil querer aculgar aos outros e a nós mesmos as consequências inelutáveis da paz separada da América com o seu Senado e da nova participação da Alemanha (moção House no Senado) e da nova participação da América omnipotente na política mundial.

A defesa dos interesses capitalistas americanos vai lógicamente conduzir o governo americano a realizar a ideologia um pouco vaga que Wilson resumiu nos seus célebres catorze pontos. Com efeito, a paz real, só se pode fazer e manter realizando estes catorze pontos com todas as suas lógicas consequências. Antes de Wilson, em 1916, demonstrou-o e explicou-o nas minhas conferências da Universidade de Londres, donde formei a minha obra *As lições da guerra mundial*. A América capitalista e a massa popular quer a paz. Para isto tem necessidade do desarmamento. E o desarmamento arrasta lógicamente e necessariamente a liberdade dos mares, sem a hegemo-

nia de qualquer potência, a internacionalização dos portos e dos rios, o livre câmbio, o direito dos povos

manifestado por meio de referéndum, em agrupamento

segundo as suas vontades, etc. E tudo isto só se pode obter pela formação dumha Federação de Nações livres e democráticas.

O governo de Harding será, lógica e inelutavelmente impelido a realizar esta tarefa se quere governar no interesse do seu capitalismo e das massas. Mas se não puder realizá-la, será então levado não menos necessariamente à guerra com o Japão, para assegurar o livre desenvolvimento do seu capitalismo, numa paz mundial durável. Só existem estes dois meios. Qual será realizado? Isto depende do factor: a política britânica, que, por seu turno, depende, em grande parte, da política russa-asiática. Considerando devidamente os factos, da opinião pública britânica, manifestada pela carta Asquith-Clynes-Lord Robert Cecil, sonhando e querendo que a política americana pacifista triunfaria à ideologia de Wilson.

lock-out, não é geral

Compositores e impressores não retomarão o trabalho

nas casas que obedeceram à intimação

da Confederação patronal, sendo por interme-

dio do seu comité dirigente

O lock-out que a Confederação Par-

ticipa, assim que o não se conduna com os principais mutualistas.

Lis

AS GREVES

Fundidores da fábrica Street
Continua sem solução a greve dos fundidores desta oficina, que estão despostos a não retomar o trabalho pelos antigos salários.

Realizou-se ontem, às 18 horas, a reunião do resto pessoal metalúrgico daquela casa e que se encontra trabalhando, a fim de se apreciar a forma coacta em que fica, desde que aceite o aumento que a gerência da fábrica resolveu dar, quando ainda a semana passada a tal se tinha recusado como o tempo fazendo já muito tempo.

Entre o pessoal que se encontrava presente, ficou nomeada uma comissão para hoje se avistar com os industriais, comunicando a não aceitação do referido aumento enquanto não terminar o incidente com os seus camaradas fundidores aos quais reconhece justiça.

Hoje, às 21 horas, da sede do sindicato realiza-se uma reunião de todos os fundidores de Lisboa, para a qual foram convidados por uma circular distribuída por todas as oficinas.

Corticeiros de S. Tiago de Cacém

S. TIAGO DE CACEM, 31-C.—Declararam-se ontem em greve os operários corticeiros da fábrica Barranco & C., em virtude dos respectivos proprietários pretendarem fazer redução nos salários. O custo da vida cada vez mais elevado, e eles a quererem fazer-nos ver o contrário, pretendendo por todas as formas diminuir as já magras fôrmas dos explorados!

Confiamos que nenhum camarada pararia só a trabalhar, a fim de não prejudicar o justo movimento.

EM ALPIARCA

O assassinato do comandante do posto da G. N. R.

O «Diário de Notícias» publicou um relato que provoca um desmentido de António Nunes Canha

O «Diário de Notícias» publicou ontem, na 2ª página, uma extensa notícia sobre este caso, nela se registando as suspeitas formuladas pela gente da vila de que o assassinato tenha sido cometido por trabalhadores rurais, tanto mais que «...num destes últimos dias, por exemplo, debaixo das portas dos principais lavradores de Alpiarca, apareceram uns manifestos assinados por António Nunes Canha, que se encontra preso na cadeia do Limoeiro, grupo B, em que se faziam severas ameaças às principais personalidades alpiarcenses...»

Enquanto depois o mesmo jornal os nomes dos lavradores que, por forma misteriosa, receberam os citados manifestos e, logo a seguir, ajunta que «na lista não figura o tenente Fonseca, que, no entanto, nestes últimos dias, recebeu duas cartas anônimas, enviadas de Lisboa, escritas a tinta vermelha e com ameaças de morte».

Ora, o nosso camarada António Nunes Canha, em resposta a tanta perseguição, argumenta, com que pretendem estabelecer em sua volta e da organização rural uma atmosfera propícia a todas as arbitrariedades, envia-nos uma carta em que protesta contra o facto de se pretender envolver o seu nome no caso, declarando serem os indivíduos que na ocasião do crime passavam de automóvel, e que se encontram presos, as testemunhas de acusação no processo que o retém a ferros há mais dum ano. É falso que os manifestos tivessem sido emitidos por debaixo das portas dos lavradores seus adversários, pois lhos enviou pelo correio. Falso é também que esses manifestos contenham ameaças. Simplesmente escalpelizam a conduta dos seus perseguidores, que, por todas as formas, procuram inutilizá-lo.

O «Diário de Notícias» refere ainda ter declarado o impedido do oficial assassinado que esta várias vezes lhe citava o nome de quatro pessoas de Alpiarca, entre as quais o tenente Fonseca, quando administrador do concelho de Alpiarca, teve interferência, e outro, porque procurou namorar a noiva do tenente, há uns três anos pouco mais ou menos, tendo sido por ela desprezado.

Propaganda anti-alcoólica

A sessão anti-alcoólica em Setúbal decorreu animada, havendo-se inscrito grande número de camaradas e ficando instituída uma secção da Associação Anti-Alcoólica Operária com os mais coerentes e activos elementos avançados da classe. O próprio camarada José Pinto, presidente do seu seção, fez alegações pesadamente contra os oradores que haviam ido de Lisboa, os camaradas Luciano Silva e Guilherme Curto, mostrando como a adopção dos princípios apresentados facilitaria o seu trabalho e até poderia elevar os serviços sociais e judiciais. Para o dia 30 de Junho prepara-se nova sessão na mesma cidade.

O fogo de Xabregas

Foram importantes os prejuízos que resultaram do incêndio que na madrugada de ontem se manifestou com violência no prédio térreo sito à calçada de D. Gastão, ao Poco do Bispo; onde o sr. Francisco Lopes Clemente possuía uma fábrica de caixas, que ficou reduzida completamente a um monte de escombros.

O fogo passou a uma tanoaria de que é proprietário o sr. José dos Santos Vilar, ardeu algumas madeiras, tendo sido salvos muitos barris, maquinismos e ferramentas.

Também sofreu vários prejuízos um outro prédio contíguo, onde tem sede a Sociedade Colonial de Exportação Limitada.

Na extinção do incêndio foram aplicadas novas agulhetas, tendo o rescaldo terminado ontem de manhã.

Na enfermaria de Santo António do hospital de S. José, deu ontem entrada António Borges, de 27 anos, condutor dos bombeiros voluntários de Campo de Ourique e residente na rua Correia Teles, que, quando seguia para o incêndio em Xabregas, foi colhido pela viatura que transportava, ficando ferido no pé esquerdo.

Atropelamento

No banco do hospital de S. José recebeu ferimento grave, ontem de manhã, o encanador do Estado e residente na rua da Bica, 15.º, que no Rossio foi atropelado por uma moto ficando ferido na cintura.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Operários alfaiates

Reuniu a assembleia geral, que nomeou para vogal do conselho técnico e de melhoramentos o camarada António Simão Amaro. Na 2.ª parte da ordem apreciaram-se as «demarches» do conselho técnico junto dos industriais, sobre as quais se aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Mantiver as reclamações feitas e que são aquelas que ficaram por atender em Novembro p. p.; 2.º caso os industriais não atendam completamente não aceitar quaisquer outras ofertas; 3.º preparar a classe de molde a defender outras reclamações que oportunamente serão formuladas, mas estas em harmonia com a carestia da vida; 4.º responsabilizar os industriais pelo que possa suceder, visto a táctica inábil e egoísta em não atenderem a insignificância que agora se reclama e que não compensa qualquer esforço que a classe pudesse importar; 4.º que para base ao Bureau Internacional do Trabalho.

O sr. E. Beddington Behrens realizou ontem na Sociedade de Geografia, ante numerosa assistência, uma conferência sobre a obra do Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista, continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

O princípio que serve de base ao Bureau é: a paz não será estável senão quando assentir na justiça social.

Uma carta de trabalho transforma esse princípio num programa, exarada na carta de trabalho, que a legislação internacional terá de realizar.

Esta carta estabelece mais ou menos os princípios que o sr. Behrens, numa entrevista que noutra lugar publicitou, nos enumera:

1.º Tudo é uma organização que tem de inventar qualquer teoria social; é um órgão de ação; pretende, acima de tudo, dar soluções práticas.

2.º A sua obra divide-se em dois campos de ação: informações e legislação social. Não tendo política, apresenta os factos dum maneira imparcial e deixa a sua apreciação à opinião pública.

Otro campo de ação do Bureau Internacional do Trabalho, diz o sr. Behrens, é a legislação internacional.

O B. S. T., sabendo que os benefícios duma nação dependem da felicidade das outras nações, deseja ver actes universalmente as medidas exigidas pela ideia de progresso social, mais elevada e generosa.

Os povos, após o armistício, depois de exigirem os princípios sobre os quais a paz devia fundamentar-se, não realizaram o esforço necessário para ver materializados esses princípios.

Tem-se exagerado talvez um pouco a importância que pode ter a legislação e não tem compreendido que o aperfeiçoamento das condições sociais e dos sentimentos pacíficos não se podem realizar senão após esforços sustentados pela opinião pública.

Os meios de que dispõe o B. S. T. para cumprir a sua missão social são: a fé e um senso práctico do que é realizado.

Uma licença receberam todos os povos que participaram na guerra: aprendem a subordinar os seus interesses particulares aos interesses da nação. É necessário hoje, para compensar o mal terrível deste conflito, que todas as nações, vencedoras e vencidas, ponham de parte alguns dos interesses nacionais, em benefício da civilização.

Uma boa política é, sem dúvida alguma, a verdadeira política nacional de vidas largas.

Disto constou, em resumo, a conferência do sr. Beddington Behrens.

A ponte sobre o Tejo

O engenheiro espanhol sr. Alfonso Peña, representante dum grupo financeiro espanhol que se propõe levar a efeito a construção da ponte sobre o Tejo, confiou ontem com o sr. ministro do comércio sobre aquele assunto, devendo realizar hoje à noite uma conferência acerca do seu projeto, na Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, à sua rua de S. Paulo.

Crise corticeira

Mais uma vez, a Federação Corticeira procurou o chefe do movimento dos caminhos de ferro e o chefe do gabinete do ministro do comércio, para conseguir transportes de corticeira para as diferentes fábricas, especialmente para a firma Vicândio, do Seixal, que tem o seu pessoal parado, em número aproximado a 200 pessoas, como de resto no país se encontram paralisadas algumas centenas de operários por falta de transportes do mesmo artigo.

Tanto o chefe de gabinete como o chefe de serviços dos caminhos de ferro garantiram que, imediatamente iam providenciar.

Da janela à rua

Na sala de observações no banco do hospital de S. José, deu ontem entrada Henrique Guerra, de 2 anos de idade, filho de António Guerra e de Maria Augusta Guerra, residente no Campo de Santa Clara, 121, 4.º, que deu uma queda da janela do 1.º andar da mesma escada, à rua, ficando gravemente contusa no corpo.

A organização das criadas

Refiou a comissão organizadora da Associação de Classe das Empregadas de Hotel e Casas Particulares, que conseguiu que a duas associadas fossem pagos os direitos que tinham de pagar.

Protege-se a criação exercida por algumas partidas que obriga as criadas a requisitar as caderetas, e resolveu enviar circulares ao pessoal de hotéis, restaurantes e casas particulares para contribuir materialmente para a prisão dessas criadas, fazendo com que organizações da classe desse ramo contribuam para manter exortando as interessadas a ingressar no novo sindicato.

Foi examinado o projecto de estatutos, resolvendo-se efectuar em breve uma assembleia magna para lhe ser presente, resguardando-se assim a satisfação o grande número de associados.

A mesma comissão tomou conhecimento que a polícia anda pelos escritórios dos hotéis tomando nota do pessoal existente, ignorando qual o motivo que as autoridades têm nesse sentido, e que é de obrigar dum momento para o outro esse pessoal a possuir a cadereta que repudia.

Contra a exportação de madeiras

Os operários da construção civil de Extremadura, que recentemente aprovaram o modo de protesto, que consiste em grupo de capitalistas pretender fazer com o assentimento do governo, uma larga exportação de madeiras que, só por si, originaria uma tremenda crise na respectiva indústria, pela deficiência e carestia de mercados.

Resolveu procurar impedir, por todos os meios ao seu alcance, que tal pretensão seja efectiva.

Ultimas notícias

No banco do hospital de S. José receberam ontem caratudo, Alberto dos Santos Pinto, de 21 anos, chefe do armado, residente no Bom Sucesso, que foi agredido no Poco do Bispo, ferido também ferido na cabeça; Joaquim da Costa, de 16 anos, servente e residente na rua da Mouraria, 5.º, que na sua tenda, foi agredido com uma calada vibrada, por um soldado ferido no braço esquerdo, e que é residente na sua tenda, 125, 5.º, que foi agredido na sua tenda, com uma faca.

Coliseu dos Recreios

HOJE—QUINTA-FEIRA

GRANDE FESTA ATLÉTICA

Mário Gall contra Oscar da Silva

Sábado, 4—Pela primeira vez em Portugal

Estreia da Grande Companhia Francesa de Revista

NOVIDADE ARTE! BELEZA! ENCANTO!

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Operários Alfaiates—Reuniu terça-feira o conselho técnico e de melhoramentos o camarada António Simão Amaro. Na 2.ª parte da ordem apreciaram-se as «demarches» do conselho técnico junto dos industriais, sobre as quais se aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Mantiver as reclamações feitas e que são aquelas que ficaram por atender em Novembro p. p.; 2.º caso os industriais não atendam completamente não aceitar quaisquer outras ofertas;

3.º preparar a classe de molde a defender outras reclamações que oportunamente serão formuladas, mas estas em harmonia com a carestia da vida; 4.º responsabilizar os industriais pelo que possa suceder, visto a táctica inábil e egoísta em não atenderem a insignificância que agora se reclama e que não compensa qualquer esforço que a classe pudesse importar; 4.º que para base ao Bureau Internacional do Trabalho.

O sr. E. Beddington Behrens realizou ontem na Sociedade de Geografia, ante numerosa assistência, uma conferência sobre a obra do Bureau Internacional do Trabalho.

O civilizado, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,

continuou evoluindo, nos momentos de desastre uma estrela de esperança surgiu sempre para guiar as energias humanas para novas aspirações. Essa esperança transformou-se na fé que nos nascer a Sociedade das Nações e o Bureau Internacional do Trabalho.

A civilização, disse o conferencista,